



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACES
PSICOLOGIA**

**A INFLUÊNCIA DO PROGRAMA “APRENDENDO A FAZER” NO
DESENVOLVIMENTO DA POSTURA PROFISSIONAL DO JOVEM
APRENDIZ E NO SEU INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO**

NICOLE TEJO BORGES

Brasília – DF
Junho/2011
NICOLE TEJO BORGES

**A INFLUÊNCIA DO PROGRAMA “APRENDENDO A FAZER” NO
DESENVOLVIMENTO DA POSTURA PROFISSIONAL DO JOVEM
APRENDIZ E NO INGRESSO DO MESMO NO MERCADO DE
TRABALHO**

Monografia apresentada como um dos requisitos
para conclusão do curso de Psicologia do UniCEUB
- Centro Universitário de Brasília.

Profª. Orientadora: Drª. Magali Costa Guimarães

Brasília – DF
Junho/2011
NICOLE TEJO BORGES

**A INFLUÊNCIA DO PROGRAMA “APRENDENDO A FAZER” NO
DESENVOLVIMENTO DA POSTURA PROFISSIONAL DO JOVEM
APRENDIZ E NO INGRESSO DO MESMO NO MERCADO DE
TRABALHO**

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Dr^a. Magali Costa Guimarães
Professora-Orientadora

Titulação, Nome completo,
Professor-Examinador

Titulação, nome completo
Professor-Examinador

A menção final obtida foi.

Brasília – DF, de junho de 2011.

Quero nesse momento agradecer a todos que participaram de forma significativa da minha formação, principalmente à minha mãe e ao Carlos que me proporcionaram essa graduação e com muito carinho, à minha irmã Camilla, ao meu pai e a Glenda, e ao Vítor que sempre me deram força para superar os desafios encontrados ao longo desses cinco anos de jornada.

Com muito carinho às maravilhosas amigas Raísa, Ester e Carolina, que tornaram as minhas manhãs mais agradáveis e engraçadas.

Com admiração aos meus professores e coordenadora do curso que fizeram de mim essa pessoa apaixonada pela Psicologia.

À minha orientadora Magali Guimarães que com muita competência e paciência auxiliou-me a fazer com que essa pesquisa se tornasse realidade.

À toda equipe e Jovens Aprendizes do Instituto Fecomércio – DF que permitiram e deram todo apoio para que essa pesquisa fosse realizada.

Obrigada a todos!

RESUMO

Esta pesquisa visa compreender qual a influência do Programa “Aprendendo a Fazer” no desenvolvimento da postura profissional do Jovem Aprendiz e no seu ingresso no mercado de trabalho. O tema abordado diz respeito à importância de programas de Aprendizagem na vida de jovens que necessitam trabalhar mais cedo e que, por esse motivo, ainda não têm experiência exigida pelo mercado de trabalho. Em termos metodológicos foi realizada uma pesquisa qualitativa a partir de dois instrumentos: dinâmicas de grupo com vinte e oito jovens aprendizes e entrevistas semi-estruturadas com três gestores de organizações onde atuam alguns desses jovens. Com base nessa investigação foi possível constatar que: a) o jovem é motivado a procurar um Programa de Aprendizagem, na maioria para adquirir experiência profissional e como forma de obtenção de renda; b) o Ensino Médio, não contribui para facilitar a sua entrada no mercado de trabalho por não agregar tal tema ao currículo escolar; c) através do curso fornecido pelo programa o jovem consegue alcançar os objetivos mencionados por eles, tais como aquisição de experiência profissional, independência financeira e oportunidades de outros empregos; d) o jovem consegue entrar mais fácil no mercado de trabalho através de programas de Aprendizagem como o programa Aprendendo a Fazer e que a partir dele consegue desenvolver e aprimorar a postura profissional desejável para a sua entrada e permanência no mercado de trabalho.

Palavras-chave: 1. Programa “Aprendendo a Fazer”. 2. Jovem Aprendiz. 3. Mercado de Trabalho.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos motivos dados pelos jovens aprendizes de início de curso para justificar porque resolveram ingressar no Programa Aprendendo a Fazer -----	27
Tabela 2 – Distribuição dos motivos dados pelos jovens aprendizes de final de curso para justificar porque resolveram ingressar no Programa Aprendendo a Fazer -----	29
Tabela 3 – Distribuição das categorias para as respostas dadas pelos jovens aprendizes de início de curso para responder a pergunta: Como você se imagina no futuro? -----	30
Tabela 4 – Distribuição das categorias para as respostas dadas pelos jovens aprendizes de final de curso para responder a pergunta: Como você se imagina no futuro? -----	32
Tabela 5 – Distribuição das categorias para as respostas dadas pelos jovens aprendizes de início de curso para responder a pergunta: Como o Programa Aprendendo a Fazer te ajudará a alcançar seus objetivos? -	33
Tabela 6 – Distribuição das categorias para as respostas dadas pelos jovens aprendizes de final de curso para responder a pergunta: Como o Programa Aprendendo a Fazer te ajudará a alcançar seus objetivos? ---	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
1.1 Objetivo Geral	08
1.2 Objetivos Específicos	09
1.3 Justificativa	09
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 O Mundo do Trabalho no Contexto Atual	11
2.2 A Inserção do Jovem no Mercado de Trabalho	13
2.3 O Ensino Profissionalizante	15
3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	20
3.1 Contexto da Pesquisa	21
3.2 Participantes	23
3.3 Instrumentos e Procedimentos Para Coleta e Análise de Dados	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE A	45
APÊNDICE B	46
APÊNDICE C	47
APÊNDICE D	50

1 INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho está cada vez mais competitivo e exigente, onde até para ser estagiário precisa ter experiências, tornando a briga por uma vaga de emprego cada vez mais injusta. Sendo assim, os candidatos devem estar cada vez mais preparados para disputar uma vaga. Um exemplo desta exigência é dado por Yukito (2008). Segundo ele, nos dias atuais, muitas empresas afirmam que emprego existe para profissionais capacitados e cabe a todos buscar a qualificação contínua. Ele acrescenta que existem *sítes* na Internet relacionados à *headhunters* disponibilizando milhares de vagas com salários acima de R\$ 10 mil, o que não é um sonho, mas há falta de candidatos capacitados para o perfil determinado para o cargo.

Dessa maneira, fica claro perceber que a existência do desemprego não se deve unicamente à falta de oportunidades de trabalhos, mas também de pessoas qualificadas para atuar nas mais diferentes funções. Os fenômenos econômicos determinados pela globalização da economia exigem que as empresas busquem não só pessoas inteligentes, criativas e com iniciativa, mas também, pessoas capazes de assimilar mudanças tecnológicas e adaptar-se às novas formas de organização para o trabalho.

Outro dado importante citado por Yukito (2008) e divulgado pelo IBGE é o fato de que a taxa de crescimento de empregos até fevereiro de 2008 chegou a 3,2%. Novamente se tem a constatação de que existe emprego, mas para profissionais aptos aos cargos oferecidos.

Aliado a essa idéia, Antunes (2004) acrescenta mostrando que uma das tendências presente no mundo do trabalho é a crescente exclusão dos jovens, que atingiram a idade de ingresso no mercado de trabalho e que, sem perspectiva de emprego, acabam muitas vezes ingressando em trabalhos onde são mau pagos e enfrentam situações precárias, dada a falta de melhores oportunidades.

Dessa forma, para que um candidato seja escolhido para uma vaga, é preciso que ele consiga obter um ótimo desempenho no processo seletivo, ou seja, que ele consiga ter uma comunicação oral e escrita satisfatória, demonstrar que sabe se comportar em ambientes profissionais e se mostrando capaz de estabelecer um bom relacionamento interpessoal.

Porém, alguns jovens desconhecem as competências necessárias para serem aprovados em um processo seletivo, ou se têm, falta-lhes ainda a maturidade exigida pela maioria das empresas.

Em meio a tantas exigências, fica fácil imaginar a situação dos alunos do Ensino Médio oriundo das escolas públicas. A maioria destes alunos não possui recursos financeiros para custear cursos que possibilitem a sua entrada no mercado de trabalho, como cursos de informática e de línguas, por exemplo. A escola pública, muitas vezes, não oferece uma formação satisfatória nessas áreas, muito menos ensinam aos alunos sobre postura profissional.

Ao que parece, o Ensino Médio, nesta parcela da população, não está alcançando as expectativas dos estudantes, pois, enquanto os alunos querem aliar a preparação para o vestibular com a preparação para entrar no mercado de trabalho, os professores se concentram, boa parte das vezes, somente nos conteúdos cobrados no vestibular e não entram no mérito do mercado de trabalho.

A formação técnico-profissional de adolescentes e jovens amplia as possibilidades de inserção no mercado de trabalho e torna mais promissor o futuro da nova geração. É nesse contexto e embasado no “Decreto nº 5.598, de 1º de dezembro de 2005, e com as diretrizes curriculares estabelecidas na Portaria MTE nº 615, de 13 de dezembro de 2007, que se refere a Lei da Aprendizagem” (BRASIL, 2009), que nasce o Projeto implantado pelo Instituto Fecomércio, o Programa “Aprendendo a Fazer”, que proporciona aos Jovens Aprendizizes Educação Profissional e que será abordado ao longo dessa monografia. Tem-se, assim, como questão de estudo: **Qual a influência do Programa “Aprendendo a Fazer” no desenvolvimento da postura profissional do Jovem Aprendiz e no seu ingresso no mercado de trabalho?**

1.1 Objetivo Geral

Para dar conta da questão formulada, tem-se como objetivo geral analisar a influência do Programa “Aprendendo a Fazer” no desenvolvimento da postura profissional do Jovem Aprendiz e no seu ingresso no mercado de trabalho.

Os objetivos específicos estão elencados a seguir.

1.2 Objetivos Específicos

1. Identificar o que leva os jovens aprendizes a participarem do programa;
2. Investigar, na percepção dos jovens aprendizes, as limitações da formação escolar, no que diz respeito à preparação para a entrada dos mesmos no mercado de trabalho.
3. Identificar como o Programa pode auxiliar os jovens a alcançarem seus objetivos pessoais e profissionais.
4. Comparar a postura profissional desses jovens no início do programa, com a postura profissional adquirida em 3 meses desse programa;
5. Verificar, na percepção dos empregadores desses jovens, se um ensino profissionalizante como o Aprendendo a Fazer, facilita a sua entrada no mercado de trabalho.

1.3 Justificativa

O tema desta monografia, parte do cotidiano profissional de sua autora, além de despertar muito o interesse da população em geral, pois o “Programa Aprendendo a Fazer” é uma grande oportunidade para os jovens de conseguirem o tão almejado primeiro emprego e de crescerem pessoal e profissionalmente.

O motivo pela escolha por tal temática não se restringe somente a interesses pessoais, pois é um tema que tem repercussão em diferentes esferas como institucional, acadêmico-científica e social.

Quanto à esfera Institucional, esse trabalho pode auxiliar os gestores do Programa “Aprendendo a fazer” a visualizarem se o objetivo almejado no início da implantação do programa está sendo alcançado. Poderão averiguar se os jovens se sentem motivados a participar do programa e constatar a real importância que eles atribuem ao mesmo.

Já a dimensão acadêmico-científica é contemplada por ter este trabalho somado aos poucos estudos sobre tal tema. Daí a importância desse tipo de trabalho, pois o mercado de trabalho tem exigido cada vez mais profissionais jovens

e qualificados, mas a realidade não tem sido fácil para muitos jovens brasileiros. O que não tem sido tema de estudos no campo da psicologia.

Um estudo que aborde esse tipo de tema no meio social é de extrema importância, pois é uma maneira das autoridades pensarem que existem meios com os quais os jovens podem ser inseridos no mercado de trabalho, ao mesmo tempo se qualificarem e exercerem sua cidadania. Dessa forma, pode-se dizer que o alto índice de envolvimento de jovens “desocupados” fazendo uso de drogas, envolvidos em crimes, em prostituição, dentre outros, pode ser diminuído. Neste sentido, o estudo é importante, pois investiga, de certa forma, a eficácia de um programa voltado a uma parcela carente da população.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para dar conta dos objetivos propostos, buscou-se, no que se refere ao levantamento teórico, discutir o mundo do trabalho no contexto atual, a inserção do jovem no mercado de trabalho, o ensino profissionalizante, bem como aspectos do programa “Aprendendo a Fazer”.

2.1 O Mundo do Trabalho no Contexto Atual

É por meio do produto de seu trabalho que o ser humano percebe sua vida como um projeto, consegue expressar sua independência e poder sobre a natureza e desenvolve seu padrão de qualidade de vida. Dessa maneira, o trabalho transforma realidades permitindo a sobrevivência e a realização do homem independentemente de sua idade. Dado tamanha relevância que o trabalho exerce sobre a vida das pessoas, este tópico tem como objetivo mostrar como tem se configurado o trabalho e como se encontra o mercado de trabalho atualmente.

O trabalho não é um objeto natural, mas uma ação essencial para estabelecer a relação entre o homem e a natureza. Na sua condição originária, o trabalho deriva de necessidades naturais, tais como fome, sede entre outras, mas realiza-se na interação entre os homens e a natureza. Dessa forma, o trabalho e a forma de se pensar sobre ele, seguirão as condições do contexto em que cada pessoa vive (ANTUNES, 1994).

O mercado de trabalho sofreu e ainda sofre muitas transformações. É com o surgimento do capitalismo que se constrói e consolida-se uma mudança mais visível na reflexão sobre o trabalho. Antigamente os empregados se encontravam em grande parte nas fábricas, hoje, com a diminuição do proletariado fabril e aumento do desemprego, os trabalhos informais ganharam cada vez mais espaço.

Confirmando esta percepção, Antunes (2004) afirma que a retração do binômio taylorismo/fordismo, acarreta em uma redução do proletariado industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado. Esse proletariado vem diminuindo com a reestruturação produtiva do capital, dando lugar a formas mais

desregulamentadas de trabalho, reduzindo o conjunto de trabalhadores estáveis que se estruturavam por meio de empregos formais.

Antunes (2004) aponta ainda, contrariamente à tendência anterior, que com a desestruturação crescente, com o desemprego, os capitais transnacionais implementam alternativas de trabalho crescentemente desregulamentadas, “informais”, como as distintas formas de terceirização, subcontratação, entre as tantas formas assemelhadas, que segundo Antunes (2004), se expandem em escala global.

Uma das tendências presente no mundo do trabalho atual destacada por Antunes (2004) é a crescente exclusão dos jovens, que atingiram a idade de ingresso no mercado de trabalho e que, sem perspectiva de emprego, acabam muitas vezes ingressando em trabalhos onde são maus pagos e trabalham em situações precárias, dada a falta de melhores oportunidades.

Como desdobramento destas tendências anteriormente apontadas por Antunes (2004), vem se desenvolvendo no mundo do trabalho uma expansão do trabalho no chamado “Terceiro Setor”, como uma forma alternativa de ocupação, por meio de empresas de perfil mais comunitários, motivadas predominantemente por formas de trabalho voluntário, sem fins diretamente mercantis ou lucrativos e que se desenvolvem relativamente à margem do mercado. Para o autor essa expansão se deve a um desdobramento direto da retratação do mercado de trabalho industrial e de serviços, num quadro de desemprego.

Antunes (2004) destaca outra tendência, que é a expansão do trabalho em domicílio, que ocorre pela desconcentração do processo produtivo, pela expansão de pequenas e médias unidades produtivas. Por meio da telemática, com a expansão das formas de flexibilização e precarização do trabalho, com o avanço da horizontalização do capital produtivo, o trabalho produtivo doméstico vem presenciando formas de expansão em varias partes do mundo.

É esse, portanto, o desenho diverso e heterogêneo que caracteriza a nova conformação de classe trabalhadora, a classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 2004).

Segundo Fleury (2003), a história do trabalho é, portanto, a história da resistência do homem diante destas condições impostas para a sua reprodução social. Nestes tempos de “desordem do trabalho”, caracterizados pela dificuldade em vislumbrar perspectivas de superação da crise e pela substituição da ética da

ação coletiva, que sempre marcou a luta dos trabalhadores, pelas ações individuais, colocam em risco conquistas históricas do movimento operário.

Confirmando o que foi apontado por Antunes (2004), Fleury (2002) considera que na última década, a inserção do país no processo de globalização comercial e produtiva gerou transformações significativas no tecido produtivo brasileiro; buscando, primeiramente, a competitividade. Dessa forma, empresas, nos diferentes setores de atividade, realizaram mudanças nos sistemas de produção e gestão (FLEURY, 2003).

É essa inserção do Brasil no processo de globalização que faz com que cada vez mais os trabalhadores precisem de uma melhor qualificação para conseguir entrar e se manter no mercado de trabalho, o que é uma tarefa bem complicada para a classe posta em questão nessa monografia, visto que esses jovens de classe mais baixa da população que procuram trabalho, cada vez mais cedo, têm encontrado dificuldade em se qualificarem.

Sendo assim, o próximo tópico dessa monografia trata especificamente sobre a inserção desses jovens no mercado de trabalho.

2.2 A Inserção do Jovem no Mercado de Trabalho

Segundo Pochmann (2007), a temática juvenil vem sendo recorrentemente tratada no Brasil em seus distintos aspectos tendo em vista a complexidade que representa atualmente. De maneira geral, a situação do jovem vem sendo exposta de forma ainda muito fragmentada, ganhando destaque no conjunto dos resultados dos exames de avaliação educacional, que indica simultaneamente o avanço na taxa de escolarização acompanhado da piora na qualidade do ensino e aprendizagem dos jovens brasileiros. O autor destaca ainda que está cada vez mais evidente o fracasso dos sistemas nacionais de educação e de integração social para atender à população juvenil, apontando que os maiores obstáculos a essa integração tem como referência a verdadeira crise que se encontra o sistema educacional para o mundo do trabalho.

O trabalho de adolescentes possui relação estreita de causa e efeito com a situação de pobreza, desigualdade e exclusão social. O quadro social brasileiro

apresenta enorme desigualdade de renda, com poucos recebendo acima de cinco salários e a grande maioria sem ganhos suficientes para manter um padrão de vida compatível com a dignidade humana, fator básico para desagregação e para a busca precoce de trabalho. Dos motivos para o ingresso precoce no mercado de trabalho, encontra-se a necessidade de ajudar a família e outras causas como o desejo de ser independente e ainda o de obter condição econômica para poder estudar (COSTA, 2007).

Dessa maneira, o trabalho e a forma de pensar sobre ele, seguirão as condições sócio-históricas em que cada jovem vive. Depende, portanto, do acesso que se tem à tecnologia, aos recursos naturais e ao domínio do saber fazer, da sua posição na estrutura social, das condições em que ela executa suas tarefas, do controle que tem sobre seu trabalho, das idéias e da cultura do seu tempo, dos exemplos de trabalhadores que cada um tem em seu meio, entre outros aspectos que influenciam na forma de pensar e executar o trabalho (ANTUNES, 1994).

Costa (2007) completa dizendo que, assim como o trabalho do adolescente está intimamente ligado com a cultura, a pobreza e a miserabilidade social, a sua abolição está diretamente vinculada à educação. Somente pela educação o adolescente poderá modificar a sua realidade social e conseguir colocação melhor no mercado de trabalho. Para o autor, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), na busca da proteção de jovens trabalhadores, sempre colocou a educação como valor preponderante em relação ao trabalho.

Segundo estudo realizado pela Fundação Seade (Fundação que se dedica a pesquisas econômicas e sociais) para o Fórum SP, a principal razão pela qual os jovens abandonam os estudos é que eles precisam desse tempo para trabalhar. No entanto, como abandonam os estudos, sua escolaridade permanece muito baixa, e isso acaba dificultando a sua inserção no mercado de trabalho, pois este exige habilidades e competências que não se resumem àquelas típicas da profissão ou trabalho que a pessoa escolheu fazer (NASCIMENTO, 2005).

Apesar das dificuldades, boa parte desses jovens vai atrás de uma oportunidade, mas as barreiras permanecem, como apontado por Pessoa (2004). Segundo ele, o maior constrangimento de um jovem quando vai a uma entrevista de emprego é quando lhe perguntam se ele já passou por alguma experiência profissional, pois, na maioria das vezes, ele está buscando justamente isso. Dessa maneira, muitos talentos já foram desperdiçados por falta de uma política adequada

voltada para absorção de novos membros por parte das empresas. O autor faz um alerta dizendo que a questão torna-se bem mais profunda por que existem empresas que até fazem a contratação de jovens sem experiência, mas avaliam o seu grau de dificuldade e acabam o devolvendo a novas procuras, pois não há um comprometimento com a permanência desse jovem na organização, tornando-o ainda mais frustrado.

Pode ser destacado nesse momento a importância do ensino técnico profissionalizante e o programa de aprendizagem destacado neste estudo, pois o jovem na função de aprendiz, além de estar se profissionalizando, aprendendo, adquirindo experiência e novas habilidades, não pode ultrapassar o período de quatro horas de trabalho, justamente para que o mesmo não seja prejudicado nos estudos.

No Brasil, a política de incentivo educacional pode ser sentida ainda na Constituição Federal, no artigo 205 que prevê a educação como direito de todos e dever do Estado, da família e da sociedade, com vistas ao preparo para o exercício da cidadania e para a qualificação para o trabalho (NASCIMENTO, 2004).

Segundo Costa (2007), o direito à profissionalização ganhou um novo impulso passando a ser prioritário, com ampliação das hipóteses legais de aprendizagem, que, segundo o capítulo V do Estatuto da Criança e do Adolescente diz que a formação técnico-profissional ministrada deve ser segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor.

Esse marco é de fundamental relevância, pois levando em consideração que o ensino profissionalizante abre caminhos para que os jovens ingressem no mercado de trabalho, é muito importante que esse direito seja garantido por lei.

2.3 O Ensino Profissionalizante

As transformações ocasionadas no mundo do trabalho levaram também às mudanças na forma como a educação se relaciona com o trabalho. Especificamente, à medida que houve a agregação de maior complexidade ao trabalho, a qualificação emanada da educação profissional passou a ter significado cada vez mais realçado no cenário educacional, político e econômico. (FERRETTI, 2002)

A educação geral e a educação profissional começaram a ser vistas como bastante inter-relacionadas, principalmente, por dois processos: a globalização que instituiu novas relações internacionais no plano econômico, social, cultural político e tecnológico, e a emergência de um sistema de produção sustentado na automação flexível. Nesse sentido, o ensino fundamental, o ensino técnico de nível médio e o ensino superior passaram a ser colocados em pauta quando o tema é o da restauração produtiva e sua relação com o mercado de trabalho, tornando quase impossível ignorar a confluência entre as organizações educacionais, as empresas e a comunidade (GONDIM, 2002).

Em relação ao cenário educacional, Kuenzer (2008), mostra que a estrutura e a organização do sistema escolar sempre foram divididas em três faixas como, ensino fundamental, médio e superior, sendo que para chegar nesse último estágio, os estudantes enfrentavam um caminho muito difícil repleto de barreiras como prestar o vestibular para depois de muitos anos de estudo obter um certificado de nível superior que lhe possibilitaria mais chances de entrar no mercado de trabalho. Para o autor, após passar por tantos exames, não é difícil imaginar quantos jovens ficavam no meio do caminho e não conseguiam chegar ao nível superior. Uma boa saída para esse tipo de evasão seria o ensino profissionalizante.

Segundo Pedrosa (2009), o Brasil está atrasado em relação a outros países no que diz respeito ao ensino profissionalizante. De acordo com a pesquisa realizada por ele, menos de 1% dos estudantes formados no Brasil vem de cursos profissionalizantes, enquanto no Chile esse número é de 22% e na Coreia do Sul corresponde a 37%. O autor da pesquisa associa esse baixo número do Brasil à tradição do país, e ressalta que esse tipo de graduação sempre foi visto como uma categoria de segunda mão, principalmente por aqueles que têm acesso ao ensino superior e a classe média alta. Pedrosa (2009) considera que, para crescer não basta ter bacharéis, é preciso de especialistas, técnicos, enfim, profissionais de todas as graduações e formas de ensino.

Costa (2007) afirma em seu artigo que nos dias de hoje, a realidade do trabalho apresenta-se sob novas configurações em todos os ramos da produção, devido à reestruturação produtiva, especialmente desde a década de 1970 em todo o mundo. Esse quadro implica em novas demandas de qualificação dos trabalhadores. Essa qualificação mencionada por ele pode ser adquirida através de

ensinos profissionalizantes que servem como ponte entre educação e qualificação profissional.

Franco (1998) argumenta que a criação do Serviço Nacional de aprendizagem Comercial (Senac), em 1942, e ainda dos Centros Federais de Escolas Técnicas (CEFETs), foi importante marco para a edificação da educação profissional no Brasil. É importante ressaltar que, em 1942 o governo de Getúlio Vargas estabeleceu o conceito de menor aprendiz na legislação trabalhista.

Maciel (2005) percebe a educação profissional como uma estratégia importante para inserir o jovem no mercado de trabalho e acrescenta que este pode ser um caminho a ser percorrido pelo jovem para que essa entrada se faça com mais segurança, principalmente se o jovem estiver vinculado à educação básica.

Durham (2008) faz algumas considerações a respeito do Ensino Técnico e Tecnológico, onde demonstra um posicionamento favorável a esta modalidade de ensino. Segundo esta especialista, em certos casos, o ensino Técnico e Tecnológico é superior ao fraco ensino oferecido por algumas faculdades, pois consegue preparar melhor o indivíduo para o mercado de trabalho, adaptando-se às reais demandas da economia. Afirma ainda que a obtenção de título universitário não mais significa a garantia de trabalho melhor remunerado, justamente pelo fato do fraco ensino superior de algumas faculdades.

Durham (2008), assim como Pedrosa (2009), ressalta que o mercado de trabalho não precisa apenas de pessoas pós-graduadas e peritas em uma determinada área. Para esses autores, o preconceito e a arrogância brasileira impedem esta compreensão, sendo que o Brasil não é um país que está em condições de alimentar este tipo de discriminação entre o ensino Técnico e o ensino Superior, tendo em vista que a maioria dos jovens, por diversos fatores, como já foi mencionado anteriormente por Nascimento (2005), não conseguem chegar à universidade. Enquanto isso, no mercado de trabalho ainda sobram inúmeras vagas por falta de candidatos qualificados para exercer diversas funções, agravando ainda mais o quadro de desemprego e afetando diretamente a economia do país.

Segundo Silveira (2006), o ensino profissional terá por princípio não somente preparar para o emprego e transmitir a cultura escolar, mas precisará preocupar-se, também, com a personalidade de cada estudante. Não basta somente o saber-fazer, mas é preciso ainda saber-ser, com todas as matrizes que isto acarreta: saber

decidir diante das incertezas, aprender a viver junto aos outros e continuar a aprender constantemente.

É nesse mesmo sentido que Antunes (2004) afirma que a escola profissional não deve transformar-se em um lugar onde se formam jovens unicamente para o mercado de trabalho, para um ofício sem ideais gerais e sem alma. Para ele, também através da cultura profissional é possível fazer brotar do menino um homem, desde que a cultura seja educativa e não só informativa, ou não só prática e manual. Uma escola profissional não pode ser jamais um prolongamento do mercado destrutivo, porque este, cada vez mais, desumaniza a humanidade.

Pode-se perceber que tanto Silveira (2006) quanto Antunes (2004), se referem ao cuidado que o ensino profissionalizante deve ter junto ao jovem que dele participa, pois o que está em jogo são os ideais e a construção do futuro dessas pessoas que se encontram num momento de formação da sua personalidade. Como ressalta Antunes (2004), estão deixando de ser meninos para se transformarem em homens. Daí a importância de se ter o cuidado daquilo que será transmitido e como será transmitido para esses jovens, como bem destacado por Silveira (2006).

Pode-se afirmar, a partir do exposto até agora, que as exigências em termos de formação e de desenvolvimento de competências são intensas para os jovens. Isto implica também no desenvolvimento do que está sendo chamado nesse estudo de “Postura Profissional”.

Dessa forma, para que o leitor possa se inteirar da análise realizada pela autora da pesquisa é de fundamental importância que fique claro o que será chamado aqui de postura profissional.

Segundo Holanda (2008), as mudanças no mundo, em geral, estão cada vez mais contínuas, aceleradas e, principalmente, diversificadas. Isso se deve ao fenômeno da globalização, aos avanços tecnológicos, à preocupação com a saúde e o meio ambiente, entre outros fatores. Nesse sentido, tanto os profissionais como as empresas precisam adequar seu perfil para atender a essas novas mudanças, inclusive se ajustando às exigências do mercado, cada vez maiores. Para superar os novos desafios impostos pela realidade e atender às expectativas dos clientes, as empresas precisam de profissionais competentes e que tenham uma boa postura profissional. Dessa maneira, Holanda (2008) define como ter postura profissional, aquele trabalhador que, em qualquer área de atuação, saiba se relacionar bem (tratar as pessoas adequadamente, mostrar-se disponível e acessível, ser gentil),

que tenha um comportamento compatível com as regras e valores da empresa e que saiba se comunicar bem (se fazer entender pelos outros, escrever bem, saber ouvir). Carvalho (2006) adiciona a essa lista a persistência (uma vez que a vontade, por si só, às vezes não basta), o cuidado com a aparência, a assiduidade e a pontualidade.

A postura profissional, portanto, vai além de conhecimentos técnicos especializados, relacionando-se à disposição, à atitudes positivas no trabalho.

3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Para realizar esse presente estudo, que tem como temática analisar a influência do Programa “Aprendendo a Fazer” no desenvolvimento da postura profissional do Jovem Aprendiz e no ingresso do mesmo no mercado de trabalho, será utilizada a abordagem qualitativa, visando apurar dos participantes opiniões mais explícitas e resultados mais concretos, reduzindo a possibilidade de erros de interpretação e de generalização por parte da autora dessa pesquisa e proporcionando maior contato com todos os envolvidos. Este contato é fundamental na medida em que promove uma maior aproximação com a realidade concreta dos jovens e gestores participantes deste programa de aprendizagem, facilitando a abertura dos mesmos para a participação e favorecendo a compreensão dos dados coletados para o estudo.

Segundo Pope, Zieblend e Mays (2005), a pesquisa qualitativa é frequentemente definida por referência à pesquisa quantitativa. Seus métodos são vistos como a antítese dos quantitativos ou estatísticos. A pesquisa qualitativa está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais em todos os sentidos que as pessoas lhe dão.

Em geral, os métodos usados na pesquisa qualitativa incluem observação direta, entrevistas, análise de textos ou documentos e de discursos e ainda comportamentos gravados. A pesquisa qualitativa, portanto, envolve a aplicação de métodos lógicos, planejados e meticulosos para coleta de dados e uma análise cuidadosa, ponderada e, sobretudo, rigorosa (POPE; ZIEBLEND; MAYS, 2005).

Pelo fato de tal pesquisa buscar identificar significados e percepções acerca do programa de aprendizagem “Aprendendo a Fazer” para vida pessoal e profissional dos jovens que dele participam, fazendo uso de entrevistas, análises de documentos e de discursos gravados, que a autora optou pela escolha da abordagem qualitativa para a análise dos dados obtidos. Considera-se tal escolha coerente com os objetivos formulados.

3.1 Contexto da Pesquisa¹

Buscou-se nesta parte da monografia fazer uma contextualização do programa de Aprendizagem “Aprendendo a Fazer”, considerando o contexto deste estudo.

No atual contexto político e socioeconômico brasileiro, existe uma visível e recorrente preocupação com a situação juvenil em todos os seus aspectos, desde as condições sociais até a situação econômica com seu foco na qualificação e inserção no mercado de trabalho. Todas estas questões estão intimamente vinculadas e têm gerado debates, pesquisas e ações governamentais e empresariais, no sentido de tentar garantir à juventude maior qualidade de vida e acesso à situação de proteção social.

O Programa “Aprendendo a Fazer”, originário na lei da aprendizagem, criada em 2000 e regulamentada em 2005 pelas legislações específicas (Lei nº. 10097/00 e Decreto 5598/05), integra as políticas de emprego para juventude e tem por objetivo facilitar a inserção dos jovens no mundo do trabalho, a partir da capacitação técnica intercalada com formação prática. Este modelo tem se mostrado efetivo, porque permite a capacitação e experiência práticas simultâneas e garante ao jovem a sua primeira carteira assinada.

O programa de aprendizagem é o programa técnico-profissional que prevê a execução de atividades teóricas e práticas, sob a orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica, com especificação do público-alvo, dos conteúdos programáticos a serem ministrados, período de duração, carga horária teórica e prática, mecanismos de acompanhamento, avaliação e certificação do aprendiz, observando os parâmetros estabelecidos pela legislação.

Dessa forma, o Aprendiz é o adolescente ou jovem entre 14 e 24 anos, que esteja matriculado e freqüentando a escola no ensino fundamental, ensino médio ou que tenha concluído o ensino médio, e inscrito em programa de aprendizagem.

O programa Aprendendo a Fazer tem como objetivo geral proporcionar, na forma da lei, a colocação de jovens entre 14 e 24 anos como aprendizes nos, conforme metodologia própria de capacitação e orientação da legislação específica -

¹ INSTITUTO FECOMÉRCIO. **Projeto de Implementação**. Programa de Aprendizagem - “Aprendendo a Fazer”. Brasília, 2010.

Lei nº 10097/2000, visando ao desenvolvimento de competências necessárias ao exercício profissional do aprendiz.

Como objetivos específicos, o programa visa proporcionar a formação e inserção dos jovens no mercado de trabalho, de forma complementar ao programa de estágio; desenvolver atividades de capacitação sistemática com foco na demanda do mercado, colaborando para a formação de banco de talentos nas áreas atendidas pelo projeto; promover a inclusão social de jovens em situação de vulnerabilidade social, por meio da capacitação, oportunidade de participação no mercado de trabalho e pela conscientização do papel do jovem como cidadão.

O projeto de aprendizagem tem metodologia específica, conforme as legislações em vigor, de acordo com os objetivos estabelecidos para o desenvolvimento do Programa de Aprendizagem do Instituto Fecomércio e de acordo com as diretrizes da Fecomércio/IF.

Os cursos constam de aulas teóricas e práticas, utilizando técnicas e recursos de aprendizagem de acordo com as competências e habilidades a serem desenvolvidas, de maneira a favorecer a execução das atividades de forma dinâmica, participativa, integrada e contextualizada ao mercado de trabalho, possibilitando a construção de conhecimentos básicos e específicos que conduzam a níveis mais elevados de competências para o trabalho. Para tanto, são utilizados procedimentos que possibilitem a aprendizagem estimulando a criatividade, a iniciativa e a solução de problemas em prol de seu crescimento pessoal e profissional.

O desenvolvimento das atividades teóricas são ministradas no Instituto Fecomércio, com estrutura física e pessoal necessárias ao desenvolvimento da oferta dos cursos aos jovens aprendizes e que farão parte do programa pedagógico. A inscrição dos jovens é feita através do processo de triagem que leva em conta os requisitos legais, a situação familiar e financeira do jovem e as especificações das empresas.

Para administrar este programa e para a realização das etapas pedagógicas, o Instituto Fecomércio conta com coordenação pedagógica, secretaria escolar, biblioteca (sala de leitura), coordenação administrativa, salas com recursos materiais e multimídias.

3.2 Participantes

Participaram da presente pesquisa vinte e oito jovens entre 18 e 24 anos, incluídos no programa de aprendizagem “Aprendendo a Fazer” e 3 gestores das organizações onde esses atuam.

3.3 Instrumentos e Procedimentos Para Coleta e Análise de Dados

Foram utilizados como instrumentos de pesquisa dinâmicas de grupo (ver anexo) e entrevistas. Foram realizadas dinâmicas de grupo com os alunos aprendizes que estão iniciando o curso profissionalizante e outro grupo com os alunos do final do curso. Entrevistas individuais semi-estruturadas foram realizadas com os padrões mais antigos do programa de aprendiz.

No contexto da pesquisa qualitativa, segundo Gonzales (2002), os instrumentos são ferramentas interativas que envolvem o sujeito na pesquisa e não se limitam às primeiras expressões do sujeito e permitem multiplicidades de uso dentro do processo investigativo. A expressão do sujeito ante os instrumentos está estreitamente ligada ao que sente no momento de recebê-los, o que depende dentre alguns fatores do clima dialógico da pesquisa, de suas relações com o pesquisador e do valor que ambos conferem à pesquisa.

Esse autor afirma que cada um dos instrumentos deve conduzir a uma dinâmica própria entre os sujeitos. A constituição das formas de subjetividade social nos grupos e dinâmicas interativas, representa um processo lento, que pode passar pela resistência e pelo silêncio dos participantes. Dessa forma, participam apenas aqueles que sentem vontade, que é o caráter espontâneo da participação dos membros e o compromisso de cada membro, tanto com as necessidades do grupo quanto com suas necessidade individuais que convertem o grupo em fontes de informações privilegiadas. Dentre os instrumentos que permitem esta expressão dos participantes é citado pelo autor a Dinâmica de Grupo.

Segundo Barreto (2003), a dinâmica de grupo como campo de pesquisa surgiu em 1936 nos Estados Unidos através do alemão Kurt Lewin com o objetivo de se conhecer os macro-fenômenos sociais utilizando-se de pequenos grupos. Para

esse autor, as dinâmicas de grupo são instrumentos, ferramentas que estão dentro de um processo de formação e organização, que possibilitam a recriação do conhecimento.

Através da dinâmica de grupo a pesquisadora pretendeu obter informações que permitam investigar a motivação dos jovens aprendizes em participar de um programa de Aprendizagem, identificar, na percepção desses jovens, as limitações da formação escolar, no que diz respeito à sua preparação para a entrada no mercado de trabalho, bem como obter informações que permitam identificar como o programa “Aprendendo a Fazer” pode auxiliá-los a alcançarem seus objetivos pessoais e profissionais.

A escolha da dinâmica de grupo como técnica de pesquisa se deu pelo fato de conseguir fazer com que as pessoas fiquem mais relaxadas e descontraídas, oferecendo respostas que em um ambiente mais formal seriam mais difíceis de aparecer (BARRETO, 2003).

Para somar ao instrumento da dinâmica de grupo, foi utilizada a entrevista semi-estruturada, que segundo Manzini (1991) tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir dos informantes, onde o foco principal é colocado pelo pesquisador. O autor diz ainda que a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual se confecciona um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.

Tanaka (2001) afirma que a entrevista semi-estruturada baseia-se apenas em uma ou poucas questões guias e são quase sempre abertas. Tanaka (2001) acrescenta dizendo que nem todas as perguntas elaboradas são utilizadas. Durante a realização da entrevista pode-se introduzir outras questões que surgem de acordo com o que acontece no processo em relação às informações que se deseja obter. Por tal motivo se deu a escolha da entrevista semi-estruturada como um dos instrumentos utilizados.

Fazendo uso da entrevista semi-estruturada a pesquisadora pretendeu obter informações que permitissem identificar a importância do programa “Aprendendo a Fazer” na vida profissional e pessoal dos jovens aprendizes, comparar a postura profissional desse jovens no início do programa, com a postura profissional adquirida

em 3 meses desse programa, bem como obter informações que permitissem verificar, na percepção dos empregadores desses jovens, se um ensino profissionalizante como o “Aprendendo a Fazer”, facilita a entrada dos mesmos no mercado de trabalho.

A seguir é apresentada a forma como a pesquisadora procedeu durante o estudo para obter os dados necessários para a realização desta monografia.

Para a realização da presente pesquisa, a pesquisadora apresentou-se à direção e expôs o seu desejo e objetivos de realizar tal pesquisa no Instituto Fecomércio, o qual a mesma faz parte como estagiária do setor de triagem de estágios e do programa de aprendizagem Aprendendo a Fazer, o que facilitou a permissão de sua pesquisa.

Dessa forma, a primeira e a segunda fase da pesquisa ocorreram nas salas de aula do Instituto Fecomércio onde ocorrem os cursos profissionalizantes do programa “Aprendendo a Fazer”.

Em todas as fases da pesquisa, a pesquisadora foi apresentada tanto para os alunos como para os gestores das empresas onde os aprendizes atuam. Nesse momento de apresentação a pesquisadora fez uma breve explanação sobre o tema de sua pesquisa e como se daria a pesquisa naquela fase, convidando-os a participarem espontaneamente da mesma. Todas as etapas, com o consentimento dos participantes, foram gravadas através de um gravador de voz para que fossem analisadas posteriormente com mais cautela.

Na primeira fase foram realizadas 3 dinâmicas de grupo (ver anexo) com 14 jovens aprendizes de início de curso. A pesquisadora explicou cada etapa das dinâmicas e abriu um espaço para possíveis dúvidas e então distribuiu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi assinado antes de iniciarem as dinâmicas. Após assinarem os Termos, a pesquisadora pediu para que se fizesse uma roda e então deu início às dinâmicas de grupo.

A segunda fase da pesquisa ainda foi realizada no mesmo local e condições da primeira fase, porém nesse momento, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados e as dinâmicas realizadas (ver anexo) se deram com mais 14 aprendizes de final de curso.

A terceira e última fase foi realizada no local de trabalho dos jovens aprendizes e os participantes da pesquisa nesse momento foram 3 patrões dos aprendizes de diferentes empresas. O instrumento utilizado nesse momento foi a

entrevista semi-estruturada com cada um dos padrões selecionados para essa pesquisa. Cada dia a pesquisadora visitou uma empresa onde os jovens aprendizes estão trabalhando, se apresentou aos gestores das empresas visitadas fazendo uma breve explanação de sua pesquisa e os convidaram a participar do estudo. Nesse momento a pesquisadora entregou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após esse momento, a pesquisadora realizou a entrevista com uma série de perguntas a cerca do programa de aprendizagem e sobre o desenvolvimento da postura profissional dos jovens aprendizes, e deixou durante todo o tempo, os gestores bem a vontade para fazerem colocações pertinentes ao programa e o desenvolvimento dos jovens aprendizes.

Os dados obtidos nessas fases serão analisados no próximo capítulo utilizando-se da técnica de análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977 apud FRANCO, 2003) a análise de conteúdo é definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações e para tal são utilizados procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A forma de análise de dados que foi escolhida pela pesquisadora desse estudo foi a categorização temática conforme descrita por Franco (2003). Trata-se, portanto, de uma análise mais descritiva que interpretativa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme destacado no capítulo anterior, esta pesquisa foi realizada no Distrito Federal no Instituto Fecomércio, com a participação de 14 jovens aprendizes de início de curso, 14 jovens aprendizes de final de curso e 3 gestores das organizações onde os jovens trabalham.

Numa primeira parte, são discutidos os resultados obtidos nas três dinâmicas de grupo realizadas com os aprendizes de início e final de curso (ver anexo), a fim de constatar o motivo pelo qual os jovens aprendizes resolveram participar do Programa “Aprendendo a Fazer”, identificar como esse programa pode auxiliá-los a alcançar seus objetivos pessoais e profissionais e ainda, constatar se, na percepção deles, a escola está proporcionando uma preparação para a entrada no mercado de trabalho. Numa segunda parte, são discutidos os resultados obtidos na entrevista realizada com três gestores das organizações onde atuam alguns jovens aprendizes de início e final de curso do Programa Aprendendo a Fazer.

As duas próximas Tabelas são referentes aos resultados obtidos na primeira dinâmica, onde a Tabela 1 se refere aos motivos dados pelos jovens aprendizes de início de curso para justificar porque resolveram ingressar no Programa Aprendendo a Fazer, e a Tabela 2 se refere aos motivos dados pelos jovens aprendizes de final de curso. A frequência nas tabelas não se refere ao número de sujeitos, mas a quantidade de vezes que a temática aparece nas falas dos participantes.

Tabela 1 – Distribuição dos motivos dados pelos jovens aprendizes de início de curso para justificar porque resolveram ingressar no Programa Aprendendo a Fazer

MOTIVOS EXPLICITADOS	Nº	%
COMO FORMA DE OCUPAÇÃO ➤ quero fazer alguma coisa a tarde ➤ não tinha nada para fazer a tarde ➤ queria fazer alguma coisa a tarde	03	18,75%
OPORTUNIDADE DE TRABALHO ➤ eu queria trabalhar e achei que seria uma boa oportunidade	01	6,25%
PRESSÃO DOS PAIS ➤ minha mãe falou que eu estava muito vagabunda ➤ minha mãe falou que se eu quisesse morar sozinha eu teria que trabalhar	02	12,5%

ADQUIRIR CONHECIMENTOS ➤ para adquirir conhecimentos	01	6,25%
COMO FORMA DE RENDA ➤ quero ganhar meu próprio dinheiro ➤ tenho que ganhar dinheiro para morar sozinha ➤ estava cansada de pedir dinheiro para minha mãe ➤ quero meu dinheiro próprio ➤ quero comprar meu carro ➤ tenho que ganhar dinheiro para começar a minha vida ➤ precisarei de dinheiro	07	43,75%
ARCAR COM DESPESAS DA FACULDADE ➤ para fazer minha faculdade que minha mãe disse que não vai pagar ➤ o patrão do meu pai disse que se eu participasse do programa ele iria pagar minha faculdade	02	12,5%

Pode-se notar que o motivo mais freqüente pelo qual os jovens aprendizes de início de curso procuram fazer parte do Programa Aprendendo a Fazer foi como forma de renda (43,75%). Como foi dito por Costa (2007) no decorrer desse estudo, o trabalho de adolescentes possui relação estreita de causa e efeito com a situação de pobreza, desigualdade e exclusão social. O quadro social brasileiro apresenta enorme desigualdade de renda, com poucos recebendo acima de cinco salários mínimos e a grande maioria sem ganhos suficientes para manter um padrão de vida compatível com a dignidade humana, fator básico para a desagregação e para a busca precoce de trabalho.

O segundo motivo mais citado foi como forma de ocupação (18,75%). Quando a autora desse estudo citou na sua justificativa pelo tema a dimensão social que esse Programa carrega, estava se referindo a essa categoria. Pois é uma maneira das autoridades governamentais perceberem que existem alternativas que possibilitam os jovens brasileiros da periferia, se ocuparem de maneira construtiva. Esses jovens procuram Programas como o Aprendendo a Fazer, para ocuparem o seu tempo trabalhando (oportunidade de trabalho 6,25%), se qualificarem, ganhando dinheiro (como forma de renda 43,75%) e para adquirir conhecimentos (6,25%), como mostrado em outras categorias apresentadas na Tabela 1.

Segundo Costa (2007) o trabalho do adolescente está intimamente ligado com a cultura, a pobreza e a miserabilidade social, e a sua abolição está diretamente ligada à educação. O autor completa dizendo que somente pela educação o adolescente poderá modificar a sua realidade social e conseguir colocação melhor no mercado de trabalho. Por esse motivo é que 12,5% dos jovens

disseram que o motivo maior é para poder arcar com as despesas da faculdade.

Alguns jovens entraram no programa através do pedido dos pais, como mostra a categoria pressão dos pais (12,5%). Esse fato se deve, em boa parte, pela falta de maturidade e de conhecimento acerca do Programa por parte de alguns desses jovens, porém ao entrarem e conhecerem o Programa, percebe-se que a maioria acaba gostando, pois visualizam uma ótima oportunidade de ingressarem no mercado de trabalho.

A Tabela 2 seguinte apresenta as categorizações para os motivos destacados pelos alunos de final de curso.

Tabela 2 – Distribuição dos motivos dados pelos jovens aprendizes de final de curso para justificar porque resolveram ingressar no Programa Aprendendo a Fazer.

MOTIVOS EXPLICITADOS	Nº	%
COMO FORMA DE OCUPAÇÃO ➤ queria fazer alguma coisa para não ficar o dia inteiro em casa	01	4,76%
OPORTUNIDADE DE TRABALHO ➤ gostaria do primeiro emprego	01	4,76%
APRENDIZAGEM/CONHECIMENTO ➤ gostaria de uma melhor aprendizagem ➤ quero conhecimento no mercado de trabalho	01	4,76%
COMO FORMA DE RENDA ➤ quero dinheiro e meus pais não me dão mais ➤ estou precisando de dinheiro ➤ para ganhar dinheiro ➤ quero dinheiro e não tem ninguém para me dá ➤ preciso de dinheiro	05	23,80%
ADQUIRIR EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL ➤ ganhar experiência profissional para colocar no meu currículo ➤ quero experiência profissional ➤ quero experiência ➤ quero adquirir experiência profissional ➤ para adquirir mais experiência profissional ➤ para adquirir experiência ➤ quero adquirir experiência ➤ experiência ➤ quero mais experiência ➤ quero experiência	10	47,61%
COMO FORMA DE INDEPENDÊNCIA ➤ não quero depender dos meus pais ➤ quero independência ➤ para ter independência	03	14,28%

Nota-se na Tabela 2 que existem motivos que não haviam sido citados na Tabela 1. Esse fato se deve ao grau de maturidade que a maioria dos jovens

parecem adquirir ao longo do Programa. O motivo mais mencionado entre os jovens de final de curso foi adquirir experiência (47,61%). Conforme já foi mencionado ao longo dessa pesquisa, Pessoa (2004) afirma que o maior constrangimento de um jovem quando vai a uma entrevista de emprego é quando lhe perguntam se ele já passou por alguma experiência profissional, pois, na maioria das vezes, ele está buscando justamente isso. Dessa maneira, muitos talentos já foram desperdiçados por falta de uma política adequada voltada para absorção de novos membros por parte das empresas. O autor faz um alerta dizendo que a questão torna-se bem mais profunda por que existem empresas que até fazem a contratação de jovens sem experiência, mas avaliam o seu grau de dificuldade e acabam o devolvendo a novas procuras, pois não há um comprometimento com a permanência desse jovem na organização, tornando-o ainda mais frustrado.

Outro motivo que também não foi mencionado pelos jovens de início de curso foi como forma de independência (14,28%), que também está relacionado ao ganho de maturidade. Levando em consideração que o produto do trabalho faz com que as pessoas expressem sua independência e poder, e permite desenvolver seu padrão de qualidade de vida, permitindo a sua sobrevivência e transformando sua realidade de vida. Sendo assim, fica fácil imaginar a vontade desses jovens de serem independentes através da remuneração pelo seu próprio trabalho.

Outros motivos já analisados na Tabela 1, também foram citadas pelos jovens de final de curso, são elas as categorias: como forma de renda (28,80%), aprendizagem/conhecimento (4,76%), como forma de ocupação (4,761%) e oportunidade de trabalho (4,76%).

A Tabela 3 e a Tabela 4 seguintes, são referentes à segunda dinâmica de grupo realizada para investigar o que esses jovens almejam para a sua vida pessoal e profissional, onde a Tabela 3 corresponde as respostas dadas pelos jovens aprendizes de início de curso para a pergunta: “Como você se imagina no futuro?”. Já a Tabela 4, corresponde às respostas dadas para a mesma pergunta, porém, para os jovens de final de curso.

Tabela 3 – Distribuição das categorias para as respostas dadas pelos jovens aprendizes de início de curso para responder a pergunta: Como você se imagina no futuro?

CATEGORIAS	Nº	%
FORMAÇÃO PROFISSIONAL ➤ eu quero ser administrador de empresas ➤ eu quero ser nutricionista ➤ eu quero ser engenheiro mecânico ➤ eu quero ser um grande empresário	04	26,66%
AQUISIÇÃO DE BENS ➤ eu quero ser dono de uma empresa ➤ eu quero ter uma boa casa ➤ eu quero ter um carrão	03	20%
INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA ➤ eu quero ter dinheiro ➤ eu quero ser bem de vida ➤ eu quero ter muito dinheiro ➤ eu quero ser independente ➤ quero poder ajudar meus pais	05	33,3%
REALIZAÇÃO PROFISSIONAL ➤ eu quero ser o primeiro presidente negro do Brasil ➤ eu quero trabalhar muito ➤ eu quero ser bem sucedido	03	20%

Diante das análises feitas nas duas primeiras Tabelas, fica mais claro perceber o motivo pelo qual a resposta independência financeira foi a mais expressada (33,3%) pelos jovens de início e de final de curso (35,29%, como mostra a Tabela 4 seguinte) como imagem de futuro idealizada. Tal resultado é coerente com o que foi apresentado por Costa (2007). Este autor afirma que o trabalho de adolescentes possui relação estreita de causa e efeito com a situação de pobreza, desigualdade e exclusão social e completa dizendo que dos motivos para o ingresso precoce no mercado de trabalho, encontra-se a necessidade de ajudar a família e outras causas como o desejo de ser independente e ainda de obter condição econômica para poder estudar.

Sendo assim, pode-se perceber que a resposta formação profissional foi a segunda mais expressada pelos jovens de início de curso, com 26,66%, confirmando a análise feita na Tabela 1 acerca da categoria para arcar com as despesas da faculdade (12,5%). Segundo Kuenzer (2008), o sistema escolar está dividido em três fases como, ensino fundamental, médio e superior, onde para chegar nesse último estágio, o estudante, principalmente o de escola pública, enfrenta um caminho muito difícil e repleto de barreiras, e quando conseguem o

êxito de entrar na faculdade, ainda tem que se dispor de muitos anos de estudo para obter um certificado de nível superior que lhe possibilitará mais chances de entrar no mercado de trabalho. E é por esse último motivo citado por Kuenzer (2008) que esses jovens preferem aliar o ensino profissionalizante ao ensino superior, até porque, enquanto não se formam no ensino superior, eles conseguem trabalhos por conta do ensino técnico que custeiam as despesas para arcar com a faculdade.

Pode-se perceber que a categoria independência financeira (33,3%) está diretamente relacionada à aquisição de bens e realização profissional, que foram igualmente mencionadas (20%), pois a aquisição de bens se inicia com a independência financeira a partir do programa de aprendizagem, e que se intensifica com a realização profissional adquirida ao longo de sua vida.

Os dados dos jovens de final de curso são apresentados a seguir.

Tabela 4 – Distribuição das categorias para as respostas dadas pelos jovens aprendizes de final de curso para responder a pergunta: Como você se imagina no futuro?

CATEGORIAS	Nº	%
FORMAÇÃO PROFISSIONAL ➤ eu quero ser policial do B.O.P.E ➤ eu quero ser um empresário ➤ eu quero ser uma fisioterapeuta	03	17,64%
AQUISIÇÃO DE BENS ➤ eu quero ter um carro ➤ eu quero ter meu próprio carro, meu apartamento ➤ eu quero ter uma boa casa	03	17,64%
INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA ➤ eu quero construir uma família ➤ eu quero ser bem poderoso e rico ➤ eu quero ter uma boa condição de vida e poder sair da Ceilândia ➤ eu quero ter muito dinheiro e poder viajar ➤ ter uma família ➤ quero ser independente	06	35,29%
REALIZAÇÃO PROFISSIONAL ➤ eu quero ser bem sucedido ➤ eu quero trabalhar muito ➤ eu quero crescer profissionalmente ➤ subir de cargos ➤ ser uma profissional bem sucedida, ter um bom trabalho	05	29,41%

A Tabela 5 e a Tabela 6, também são referentes à segunda dinâmica de grupo realizada com os jovens aprendizes, porém, agora as respostas dadas

correspondem ao questionamento: Como o Programa Aprendendo a Fazer te ajudará a alcançar seus objetivos? A Tabela 5 corresponde aos resultados obtidos na dinâmica realizada com os aprendizes de início de curso e a Tabela 6 corresponde a dinâmica realizada com os aprendizes de final de curso.

Tabela 5 – Distribuição das categorias para as respostas dadas pelos jovens aprendizes de início de curso para responder a pergunta: Como o Programa Aprendendo a Fazer te ajudará a alcançar seus objetivos?

CATEGORIAS	Nº	%
AQUISIÇÃO DE EXPERIÊNCIA/CONHECIMENTO ➤ me dando muita experiência ➤ me dando muita experiência ➤ quero usar a experiência que vou ter nesse programa ➤ me dando conhecimento para continuar trabalhando ➤ esse programa pode me ensinar muitas coisas que eu vou poder colocar no meu currículo	05	35,71%
ABRINDO PORTAS PARA OUTROS EMPREGOS ➤ esse trabalho vai abrir muitas portas para eu conseguir outros trabalhos ➤ pode me dar mais chances de conseguir outros trabalhos depois que já tiver esse no meu currículo ➤ espero que esse programa abra outras portas para mim ➤ espero que esse programa abra portas para eu conseguir crescer na vida	04	28,57%
AQUISIÇÃO DE RENDA/INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA ➤ o dinheiro que vou ganhar nesse programa vou guardar para pagar minha faculdade ➤ já estou ganhando meu primeiro dinheiro ➤ esse programa pode me ajudar a pagar minha faculdade ➤ esse emprego vai me dar muito dinheiro e eu não vou mais precisar dos meus pais ➤ esse programa vai me ajudar a ter dinheiro	05	35,71%

Tabela 6 – Distribuição das categorias para as respostas dadas pelos jovens aprendizes de final de curso para responder a pergunta: Como o Programa Aprendendo a Fazer te ajudará a alcançar seus objetivos?

CATEGORIAS	Nº	%
AQUISIÇÃO DE EXPERIÊNCIA/CONHECIMENTO ➤ o programa está me dando experiência ➤ o programa me oferece muito conhecimento ➤ me dá conhecimento e experiência ➤ o programa me dá muita experiência e conhecimentos	04	25%

ABRINDO PORTAS PARA OUTROS EMPREGOS ➤ o programa vai abrir portas para mim ➤ eu acredito que o programa possa abrir portas para eu arrumar melhores empregos ➤ esse programa vai abrir muitas portas para mim ➤ meu primeiro passo é esse programa ➤ o programa me oferece só o primeiro emprego de muitos que virão ➤ esse programa vai abrir muitas portas para mim	06	37,5%
AQUISIÇÃO DE RENDA/INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA ➤ o programa está me trazendo dinheiro ➤ esse programa já está me dando uma primeira oportunidade de ter o meu dinheiro ➤ com esse primeiro emprego eu já estou tendo o meu dinheirinho	03	18,75%
AQUISIÇÃO DE POSTURAPROFISSIONAL ➤ obter calma ➤ o programa me ensina a ter um bom convívio pessoal ➤ me ensina a ser líder	03	18,75%

Nessas duas últimas Tabelas, pôde-se identificar a percepção dos jovens sobre como o Programa pode auxiliar os jovens a alcançarem seus objetivos pessoais e profissionais, como mostra nas categorias formadas e nas porcentagens apresentadas: aquisição de experiência/conhecimento (35,71 e 25%), abrindo portas para outros empregos (28,57% e 37,5% respectivamente) e aquisição de renda/independência financeira (35,71% e 18,75% respectivamente). Tal fato confirma o que foi apresentado por Maciel (2005) ao longo desse estudo, onde afirma que a educação profissional é uma boa estratégia para inserir o jovem no mercado de trabalho e ainda fazer com que ele se sinta mais seguro tanto para competir com outros profissionais como para saber lidar com esse trabalho alcançado. Os resultados demonstram que os jovens percebem de forma positiva a educação para o trabalho possibilitada pelo referido programa.

O fato de esses jovens reconhecerem que esse Programa irá abrir portas para outros empregos é pelo motivo do Programa em questão ser como idealizam Silveira (2006) e Antunes (2004) mencionados ao longo dessa pesquisa, onde dizem que o ensino profissionalizante deve ter por princípio não somente preparar o jovem para o emprego e transmitir a cultura escolar, mas precisará preocupar-se, também, com a personalidade de cada um. Acrescentam ainda dizendo que a escola profissional não deve transformar-se em um lugar onde se formam jovens unicamente para o mercado de trabalho, para um ofício sem ideais gerais, e que através da cultura profissional é possível fazer brotar do menino um homem, desde

que a cultura transmitida não seja só prática e manual e nem somente educativa e informativa. Em função disso é que nas falas dos jovens são destacadas não só o conhecimento e a experiência, mas também “calma”, “bom convívio” e “ser líder”.

Ao que parece, os jovens do final de curso já começam a perceber o impacto do programa de Aprendizagem no que se refere à postura profissional, tal fato pode ser percebido pois a categoria aquisição de postura profissional (18,75%) foi formada somente pelas falas dos jovens de final de curso.

Com base nos dados obtidos através da análise do Projeto do Programa de Aprendizagem “Aprendendo a Fazer” cedido pelo Instituto Fecomércio à pesquisadora, pode-se dizer que tal programa faz uso de procedimentos que possibilitem a aprendizagem estimulando a criatividade, a iniciativa e a resolução de problemas em prol do crescimento pessoal e profissional do jovem, com uma perspectiva relacional e reflexiva, onde é considerado o contexto em que vivem esses jovens, o momento de construção e autoconhecimento que eles estão vivenciando e tendo o máximo de cuidado com suas aprendizagens.

A seguir, encontra-se a discussão realizada na terceira dinâmica com os jovens aprendizes dos dois cursos, onde o objetivo foi descobrir, se na percepção desses, o ensino médio contribuiu para facilitar a entrada no mercado de trabalho.

Ficou claro a partir de suas falas que, na maioria das escolas públicas, o ensino médio não prepara o jovem para o mercado de trabalho, pois quando perguntados sobre o que a escola deles contribuiu para que entrassem no mercado de trabalho, a resposta foi igual para quase todos os alunos “*nada*”, esse fato pode ser confirmado na fala de um deles durante a dinâmica: “*quem está preparando a gente é esse curso aqui no IF, e não o colégio*”.

Um dos motivos pelos quais os jovens disseram que o ensino médio não contribui para sua entrada no mercado de trabalho e que mais chamou a atenção foi o fato dos aprendizes dizerem que os professores não permitem um diálogo com os alunos e que até os afastam deles: “*na minha escola o professor fala que a sala de aula é o reino dele, que ele é o rei e que nós somos os súditos*”, outro completa dizendo “*na minha escola a situação é triste, porque os professores são muito mal educados, quando você faz alguma pergunta, eles não têm a menor paciência em te responder*”. Esse quadro é preocupante, já que vai além de não proporcionar um ensino profissionalizante, esse professores acabam favorecendo, de um modo geral, a desistência dos alunos pela escola.

Segundo Szymanski (2007), o que se aprende em uma escola não deve se reduzir aos conteúdos programáticos e que atitudes, valores e sentimentos, também devem ser “ensinados” na vivência das relações interpessoais dentro da instituição. Ao que tudo indica, isso não corresponde ao que foi vivenciado pela maior parte dos jovens participantes desse estudo.

Outro fator importante relatado pelos aprendizes e que faz muita falta na “briga” por uma vaga de emprego, é o ensino de línguas estrangeiras, inglês e espanhol, que segundo eles, não tem sido um ensino de qualidade: “o inglês do ensino médio não serve para nada”; “eles só ensinam como é cachorro em inglês e só”; “os professores de inglês sempre faltam”.

Os jovens aprendizes relataram ainda, que sentem necessidades de aulas voltadas para o mercado de trabalho: “tinha que ter, tipo aqui no curso, que a gente faz, aula de profissão no mercado de trabalho”; “a gente já poderia ver essa matéria no 2º ano”; “deveria ter palestras sobre o tema”, outro jovem completou dizendo: “na minha escola não tem incentivo nenhum quanto a essas coisas de mercado de trabalho e ensino técnico, é tudo só voltado para o vestibular da UnB”.

Ainda assim, mesmo com os jovens relatando que necessitam de um curso profissionalizante para ingressar com mais facilidade e segurança no mercado de trabalho, Pedrosa (2009) afirma que o Brasil está atrasado em relação a outros países no que diz respeito ao ensino profissionalizante. De acordo com a pesquisa realizada por ele, menos de 1% dos estudantes formados no Brasil vem de cursos profissionalizantes, enquanto no Chile esse número é de 22% e na Coréia do Sul corresponde a 37%. O autor da pesquisa associa esse baixo número do Brasil à tradição do país e ressalta que esse tipo de graduação sempre foi visto como de menor valor, principalmente por aqueles que têm acesso ao ensino superior e a classe média alta.

Nesta segunda parte, são discutidas as respostas obtidas nas entrevistas realizadas com três gestores das organizações onde atuam alguns jovens aprendizes de início e final de curso do Programa Aprendendo a Fazer. O objetivo dessas entrevistas foi o de constatar se os jovens conseguem adquirir postura profissional ao longo de sua estada no Programa, bem como constatar se esses gestores percebem o Programa de Aprendizagem como um facilitador de entrada no mercado de trabalho para esses jovens.

Para a realização da discussão dessas entrevistas é válido lembrar que a

definição de postura profissional utilizada nesse estudo foi o de Holanda (2008) e Carvalho (2006), onde dizem que possui postura profissional aquele trabalhador que em qualquer área de atuação saiba se relacionar bem (tratar as pessoas adequadamente, mostrar-se disponível e acessível, ser gentil), que tenha um comportamento compatível com as regras e valores da empresa e que saiba se comunicar bem (se fazer entender pelos outros, escrever bem, saber ouvir). Adicionam a essa lista a persistência (uma vez que a vontade, por si só, às vezes não basta), o cuidado com a aparência, a assiduidade e a pontualidade.

Foi constatado nas entrevistas realizadas, que as empresas aderiram ao Programa de Aprendizagem unicamente por ser lei e por já terem sido notificados pela Delegacia Regional do Trabalho (DRT), já que a lei de Aprendizagem 10097/00 e Decreto-Lei 5598/05 determinam que as empresas que não estiverem enquadradas como micro-empresa (ME); sociedade simples (SS) ou empresa de pequeno porte (EPP), estão obrigadas a contratarem aprendizes para capacitação técnica e prática, a fim de cumprir cota estipulada pela legislação vigente (BRASIL, 2009). Essa constatação não foi difícil de ser feita, já que ao perguntar o motivo pelo qual a empresa aderiu ao Programa de Aprendizagem, logo pela primeira gestora entrevistada a resposta foi: “ué, por que é lei e já fomos notificados pela DRT mais de uma vez”.

Porém, os gestores afirmaram nas entrevistas, que estão muito satisfeitos de ter os aprendizes trabalhando em suas empresas e que sentem a importância deles, ou seja, somente pela existência da lei de Aprendizagem é que foi possível a entrada desses jovens nessas empresas para mostrarem o seu valor dentro do mercado de trabalho.

Ao perguntar das expectativas que esses gestores tinham em relação aos jovens aprendizes, os mesmos afirmaram que eram as melhores possíveis, pois sentem a necessidade de terem profissionais que cresçam na empresa, que possam ser moldados de acordo com os valores daquela empresa, já que todas as organizações visitadas nesse estudo, permitem que o jovem aprendiz continue na empresa mesmo quando o seu contrato de aprendiz acaba.

A próxima constatação feita pela pesquisadora foi quanto à postura profissional desses jovens no início e ao longo do tempo de trabalho. Foi constatado nos relatos dos gestores que ao entrar na empresa os aprendizes ainda não mostram uma postura profissional adequada, como relatou uma gestora

entrevistada: “algumas vezes chegam com roupas inadequadas para trabalhar, alguns sentem dificuldade em receber um chamado de atenção, a maioria sente dificuldade em escrever documentos, já que muitos trabalham como auxiliares de escritório, alguns se atrasam para chegar ao trabalho, entre outras dificuldades que costumam aparecer”. Porém, afirmaram que com o tempo, através dos cursos ministrados pelo Instituto Fecomércio e pela prática que os jovens têm nas empresas, os mesmos conseguem adequar a sua postura profissional ao que é esperado pelos gestores das empresas, inclusive relataram que quanto mais de perto esses aprendizes são acompanhados pelos seus supervisores nas empresas, mais rápido é o crescimento profissional e pessoal desses jovens.

Foi unânime a idéia dos gestores entrevistados de que o Programa de Aprendizagem promove o crescimento pessoal e profissional do jovem que dele participa, pois além de todo o aprendizado e da oportunidade do primeiro emprego, ele consegue através do programa, novas oportunidades no mercado de trabalho, além da oportunidade de crescimento que as empresas conferem aos seus aprendizes. Segundo um dos gestores entrevistados, “a idéia da empresa é que o jovem consiga desenvolver habilidades para que consiga crescer na empresa e ser efetivado posteriormente e se, por algum motivo, não for possível que esse jovem continue conosco na empresa, com certeza, ele já estará melhor preparado para conseguir outro trabalho.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada neste estudo e das análises dos dados obtidos, foi possível constatar que os jovens aprendizes procuram entrar no mercado de trabalho primeiramente como forma de obter renda e experiência profissional, já que o trabalho de adolescentes possui relação estreita de causa e efeito com a situação de pobreza, desigualdade e exclusão social como foi mencionado por Costa (2007) no capítulo anterior, e outro motivo apontado pelos jovens para procurarem emprego é para ocuparem o seu tempo livre de maneira construtiva.

Foi constatado que a maneira com que o jovem consegue entrar no mercado de trabalho de forma mais rápida é através de programas de aprendizagem, como é o caso do programa “Aprendendo a Fazer” que é o programa foco do trabalho. Identificou-se que através desse programa que os jovens desse estudo conseguiram ingressar no mercado de trabalho, já que, como discutido no capítulo anterior, as empresas que contrataram esses jovens só o fizeram para cumprirem com a lei de Aprendizagem 10097/00 e Decreto-Lei 5598/05, que tem como objetivo facilitar a inserção dos jovens no mundo do trabalho, a partir da capacitação técnica intercalada com a formação prática.

Verificou-se que o programa Aprendendo a Fazer tem como objetivo geral proporcionar a colocação desses jovens no mercado de trabalho visando o desenvolvimento de competências necessárias ao exercício profissional. Através desse estudo, ficou claro que os jovens sentem falta de saírem da escola sem terem desenvolvido essas competências necessárias para a vida profissional, pois conforme a discussão do capítulo anterior, a falta de experiência e de conhecimento prejudicam muito o jovem, pois existem empresas que os contratam sem experiência, mas avaliam o seu grau de dificuldade ao longo do tempo e acabam o devolvendo a novas procuras. Diante da pesquisa realizada foi possível identificar que os jovens são preparados para disputar uma vaga de emprego pelo curso que eles recebem no programa Aprendendo a Fazer e não pelas escolas como eles gostariam.

Dessa forma, pôde-se perceber que o jovem de hoje tem consciência de que é preciso mais do que a vontade de trabalhar para que isso ocorra efetivamente, é preciso que esse futuro profissional busque se qualificar adquirindo postura

profissional adequada.

Através da busca pela aquisição de qualificação e de postura profissional é que o jovem tem se motivado para ingressar nos programas de Aprendizagem, como é o caso do programa Aprendendo a Fazer.

Pode-se concluir, através dos dados fornecidos pela presente pesquisa, que o Programa de Aprendizagem Aprendendo a Fazer tem relação direta com o desenvolvimento da postura profissional do jovem aprendiz já que, como foi discutido, o jovem consegue através dos cursos ministrados no programa, aprimorar a forma de relacionar-se, aprende a tratar as pessoas adequadamente, a ser gentil, a mostrar-se disponível, aprende a comunicar-se bem, aprende a importância de estar sempre bem arrumado, pontual e assíduo, fazendo com que as empresas não precisem dispensar o jovem por não disporem de tempo para desenvolver habilidades necessárias para o aprimoramento da postura profissional desse jovem, já que é esse um dos objetivos do programa de Aprendizagem em questão.

Através do desenvolvimento da postura profissional e do conhecimento obtido ao longo de sua estada no Programa Aprendendo a Fazer pode-se concluir que o programa facilita a entrada dos jovens no mercado de trabalho. Constata-se pelo fato de que o aprendiz tem a possibilidade de ser efetivado e de subir de cargo na maioria das empresas em que trabalham, e quando não conseguem ou não têm o interesse de efetivação, o jovem aprendiz adquire experiência registrada na sua carteira de trabalho, diminuindo a barreira que o jovem enfrenta para conseguir um emprego.

Os resultados revelam que o programa Aprendendo a Fazer influencia de maneira positiva na vida pessoal do jovem que dele participa, não somente a vida do jovem como também de seus familiares, pois confere a esses a possibilidade de aquisição de trabalho e conseqüentemente de renda antes da fase adulta, possibilitando formas de independência, de ajudar suas famílias financeiramente, de arcar com as despesas dos estudos, de ocupar o seu tempo de maneira construtiva e de adquirir conhecimentos, conforme foi discutido no capítulo anterior.

Acerca das Dinâmicas de Grupos utilizadas, torna-se importante tecer algumas considerações pelo fato deste não ser muito utilizado como metodologia. Esse instrumento permitiu que o jovem se sentisse motivado a participar da pesquisa, já que sensibilizar essa população é mais fácil a partir de ambientes descontraídos e informais. Dessa forma foi possível obter uma série de informações

que poderiam não aparecer se fossem utilizados outros tipos de instrumentos, pois os jovens conseguiram se sentir a vontade para expressar seus sentimentos e angústias.

Sendo assim, fica como dica para novos estudos, que os pesquisadores façam uso desse instrumento para tornarem seu estudo mais rico.

Outro ponto importante a ser destacado neste estudo é o fato do tema ser muito atual e pouco discutido, e por tanto não existe muita literatura sobre, porém precisa-se cada vez mais de discussões sobre esse assunto, pois a cada dia o mercado de trabalho está mais exigente para a contratação dos funcionários e os jovens continuarão prejudicados pela falta de qualificação que não é contemplada nos currículos escolares.

Essa falta de estudo mencionada foi uma das dificuldades encontradas para a realização dessa pesquisa, bem como a dificuldade em marcar um horário para serem feitas as entrevistas com os gestores das organizações onde atuam os jovens aprendizes.

Existem pontos de estudos nessa pesquisa que não foram contemplados, mas que podem ser investigados posteriormente por outras pessoas, como:

1. Verificar a permanência dos jovens aprendizes nas empresas após o término do programa;
2. Investigar as expectativas dos pais dos jovens para que os mesmos consigam um emprego;
3. Investigar por parte dos professores dos aprendizes se esses se mostram interessados no aprendizado proposto;
4. Analisar o índice de desistência dos jovens pelo Programa de Aprendizagem em questão.

Dessa forma será possível ampliar os estudos sobre tal temática, favorecendo a inserção dos jovens que necessitam entrar mais cedo no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. Educação Social. Unicamp, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio. 2004.

BARRETO, Maria F. M. **Dinâmica de grupo**: história, prática e vivências. Campinas: Alinea. 2003.

CARVALHO, Andréa. **As novas exigências**. 16 nov. 2006. Disponível em: <<http://www.intero.com.br/blogdaagilis/blog/?cat=69>>. Acesso em: 03/03/2011.

COSTA, Áurea C. A educação profissional no campo hoje. **Educação Profissional: Ciência e Tecnologia**. Universidade Estadual Paulista. vol. 2, n. 1, p.67-74. Jul.-Dez. 2007.

CRUZ NETO, Otávio. **Grupos focais e pesquisa social qualitativa**: o debate orientado como técnica de investigação. 8 nov. 2002. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf>. Acesso em: 20/11/2010.

ESCOLAS Privadas e Federais Lideram o Ranking do Enem. **UOL Notícias**. São Paulo, 4 abr. 2008, Brasil. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ulnot/brasil/2008>>. Acesso em: 21/01/2009.

FABIANE. **A análise de conteúdo**: uma metodologia para análise de dados. 5 ago. 2007. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/analise-de-conteudo-uma-metodologia-para-analise-de-dados/14317/>>. Acesso em: 03/03/2011.

FERRETTI, Celso J. A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação? **Educação e sociedade**. Unicamp, v.23, n.81 maio, 2002.

FLEURY, Maria T. L. **Mercado de trabalho no Brasil**: padrões de comportamento e transformações institucionais. São Paulo: LTR, 2003.

FRANCO, M. C. Formação profissional para o trabalho incerto: um estudo comparativo Brasil México e Itália. In: FRIGOTTO, G.(Org). **Educação e crise do trabalho**: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 100-137.

FRANCO, Maria L. P. B. **Análise do conteúdo**. Brasília: Plano, 2003.

GONDIM, Sônia M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de**

psicologia. Universidade Federal da Bahia. vol. 7, n. 2. p. 299-309. 2002.

HOLANDA, Carolina. **A importância da qualidade.** 8 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.intero.com.br/blogdaagilis/blog/?cat=69>>. Acesso em: 03/03/2011.

INSTITUTO FECOMÉRCIO. **Projeto de Implementação.** Programa de Aprendizagem - "Aprendendo a Fazer". Brasília, 2010.

KUENZER, Acácia. **Ensino médio profissional:** as políticas de estado neoliberal. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MACIEL, Cláudia Monteiro. O ensino técnico no Brasil – aspectos gerais. In: _____. **O lugar da escola técnica frente às aspirações do mercado de trabalho.** 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia com concentração em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MANZINI, Eduardo J. **Entrevista semi-estruturada:** análise de objetivos e de roteiros. Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília. 1991.

NASCIMENTO, Grasielle A. F. **A educação e o trabalho do adolescente.** Curitiba: Juruá, 2005.

PEDROSA, Renato. **O ensino técnico e tecnólogo.** 15 jan. 2009. Disponível em: <www.universia.com.br>. Acesso em: 03/03/2011.

PESSOA, Jacqueline G. **O jovem no mercado de trabalho.** 29 junho 2004. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/o-jovem-no-mercado-de-trabalho/10058/>>. Acesso em: 03/03/2011.

POCHMANN, Marcio. **Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil:** um balanço dos últimos 10 anos. UNICAMP, fev. 2007.

POPE, C., ZIEBLEND, S.; MAYS, N. Analisando dados qualitativos. In: POPE, C., MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde.** 2 ed. Porto Alegre: Artmed. 2005.

REY, Fernando G. **Pesquisa qualitativa em psicologia:** caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SILVEIRA, Flávia. F. O mercado está uma fera: o desenvolvimento moral na educação profissional e as mudanças no mundo do trabalho. **Ciência e Tecnologia.** Universidade de Brasília, v.1, n.1, p.77-88. Jul.-Dez. 2006.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola:** desafios e perspectivas. Brasília, Liber Livro. 2007.

TANAKA, Oswaldo Y.; CRISTINA, Melo. **Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente**: um modo de fazer. São Paulo: Edusp, 2001.

WEINBERG, Mônica. Fábrica de maus professores. **Revista Veja**. Ed abril, n.47, p.17 – 21, entrevista Eunice Durham, 26 nov. 2008.

YUKITO. **Competitividade no mercado de trabalho**. 08 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/competitividade-no-mercado-de-trabalho/22179/>> Acesso em: 20/11/2010.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DESTINADO AOS JOVENS APRENDIZES

Prezado (a),

Esta é uma pesquisa acadêmica de caráter qualitativo que busca como objetivo investigar a influência do Programa “Aprendendo a Fazer” no desenvolvimento do comportamento profissional do Jovem Aprendiz e ingresso do mesmo no mercado de trabalho. A presente pesquisa será desenvolvida por Nicole Tejo Borges, aluna do curso de Psicologia do UniCEUB - 10º Semestre, sob a orientação da Professora Doutora Magali Costa Guimarães.

Para a realização da presente pesquisa serão realizadas 3 dinâmicas de grupo onde todos participarão sobre os comandos da facilitadora, no caso a autora dessa pesquisa. Todo esse momento será registrado através de um gravador de voz para que a pesquisadora possa, posteriormente, analisar o ocorrido com mais precisão, não havendo a menor possibilidade de exposição de nomes.

Sendo assim, solicito sua colaboração para a autorização da pesquisa apresentada, como também sua autorização para apresentar a conclusão deste estudo para a banca de monografia. Informo que essa pesquisa não oferece risco à integridade física ou proporciona algum tipo de constrangimento.

A participação no estudo é voluntária e, portanto, caso decida a qualquer momento desistir da mesma, não sofrerá nenhum tipo de prejuízo.

Os dados obtidos nesse estudo serão devidamente guardados durante cinco anos e serão destruídos após esse período.

Diante do exposto, eu _____
declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para autorizar a participação do experimento e para exposição da conclusão. Estou ciente que recebi uma cópia deste documento.

Assinatura do Responsável

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Para contato com a Pesquisadora Responsável: Nicole Tejo Borges telefone: (61)82006999 ou (61)35431084 ou se preferir: UniCEUB – Bloco 9, Faculdade das Ciências da Educação e Saúde – FACES – sala 9105

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DESTINADO AOS GESTORES DAS ORGANIZAÇÕES ONDE ATUAM OS JOVENS APRENDIZES

Prezado (a) Senhor (a),

Esta é uma pesquisa acadêmica de caráter qualitativo que busca como objetivo, investigar a influência do Programa “Aprendendo a Fazer” no desenvolvimento do comportamento profissional do Jovem Aprendiz e ingresso do mesmo no mercado de trabalho. A presente pesquisa será desenvolvida por Nicole Tejo Borges, aluna do curso de Psicologia do UniCEUB - 10º Semestre, sob a orientação da Professora Doutora Magali Costa Guimarães.

Para tanto serão realizadas entrevistas com o intuito de analisar os efeitos desse Programa, onde as mesmas serão registradas através de um gravador de voz para que a pesquisadora possa, posteriormente, analisá-las com mais cautela, não havendo a menor possibilidade de exposição de nomes.

Dessa forma, solicito sua colaboração para a autorização da pesquisa apresentada, como também sua autorização para apresentar a conclusão deste estudo para a banca de monografia. Informo que essa pesquisa não oferece risco à integridade física ou proporciona algum tipo de constrangimento.

A participação no estudo é voluntária e, portanto, caso decida a qualquer momento desistir da mesma, não sofrerá nenhum tipo de prejuízo.

Os dados obtidos nesse estudo serão devidamente guardados durante cinco anos e serão destruídos após esse período.

Diante do exposto, eu _____
declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para autorizar a participação do experimento e para exposição da conclusão. Estou ciente que recebi uma cópia deste documento.

Assinatura do Responsável

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Para contato com a Pesquisadora Responsável: Nicole Tejo Borges telefone:
(61)82006999 ou (61)35431084 ou se preferir: UniCEUB – Bloco 9, Faculdade das
Ciências da Educação e Saúde – FACES – sala 910

APÊNDICE C

ROTEIRO DE DINÂMICAS PARA OS JOVENS APRENDIZES

1º momento:

Dinâmica de apresentação: Apresentação através do barbante.

Destinatários:

Grupo de jovens aprendizes de início e final de curso.

Objetivo:

Quebrar gelo, conhecer os membros do grupo e **conhecer a razão pela qual** cada um resolveu ingressar no Programa Jovem Aprendiz.

Material:

Rolo de barbante e tesoura.

Desenvolvimento:

A facilitadora pede para que cada pessoa pegue o rolo de barbante e corte um pedaço, não podendo ser menor que 30cm e sem limite máximo de tamanho. Após todos do grupo terem cortado o pedaço de barbante a facilitadora explicará que cada pessoa deverá se apresentar enrolando o barbante no dedo indicador até que o barbante acabe, da seguinte forma: “meu nome é João, tenho 20 anos gosto de jogar bola...procurei fazer parte do grupo por que...” (enquanto isso ele vai enrolando o barbante no dedo...até que o barbante acabe). Para atingir um dos objetivos da pesquisa, a facilitadora irá pedir que na apresentação a pessoa diga também o motivo que o levou a participar do Programa Aprendendo a Fazer.

Após todo o grupo ter se apresentado, se ocorrer de algum membro do grupo ter falado pouco por conta do pedaço de barbante ter sido pequeno, ou se a facilitadora sentir necessidade, a mesma irá falar um pouco mais com essas pessoas e abrirá para discussões fazendo assim, o fechamento da dinâmica.

2º momento:

Dinâmica: Bandeira pessoal.

Destinatários:

Grupo de jovens aprendizes de início e final de curso.

Objetivo:

Identificar a importância do programa Aprendendo a Fazer para a vida pessoal e profissional dos aprendizes.

Dessa forma a facilitadora fará a seguinte pergunta: “levando em consideração o desejo de vocês de entrar no mercado de trabalho qual a contribuição do ensino médio para a sua entrada no mercado de trabalho?”. Após terem feito essa reflexão a facilitadora pedirá que os jovens a ajudem a completar o quadro conforme eles gostariam que fosse ou que houvesse no ensino médio para que facilite a entrada deles no mercado de trabalho.

APÊNDICE D

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS GESTORES DAS ORGANIZAÇÕES ONDE ATUAM OS JOVENS APRENDIZES

1. Qual ou quais os motivos pelos quais você aderiu ao programa de aprendizagem proposto pelo Instituto Fecomércio?
2. Quais eram as suas expectativas em relação aos jovens aprendizes antes de começarem a trabalhar em sua empresa?
3. Como era a postura profissional desses jovens quando começaram a trabalhar na sua empresa?
4. Você notou alguma diferença de postura profissional dos aprendizes quando iniciaram o trabalho até o dia de hoje?
5. Como você vê o programa de aprendizagem para o crescimento profissional desses jovens?